

COMO VIVER A ÉTICA EM TEMPOS DE CORRUPÇÃO

Análise do filme – A Firma

Rosemary Fernandes da Costa¹

Anna Carolina França Costa Cruz²

Trabalhar o tema da Ética Cristã na Universidade é também envolver cada estudante e, assim, cada turma, em uma reflexão coletiva que nos ajude a conhecer os principais teóricos e suas abordagens, mas, especialmente, aplicar as reflexões e análises em situações concretas na vida social, comunitária, ambiental, espiritual.

O eixo em que se estrutura e se alinha os conteúdos das disciplinas na Cultura Religiosa da PUC-Rio tem como fundamento a antropologia judaico-cristã e, com isso, estamos partindo da compreensão do ser humano em suas múltiplas dimensões, em diálogo constante, em um processo de autoconhecimento, interação com subjetividades e posturas diversas.

Diante de um ser humano complexo e em permanente construção, estamos inseridos em um contexto igualmente multidimensional, que é a própria Universidade. Enquanto Cultura Religiosa presente nesse Campus, nosso desafio é integrar a fé cristã - seus fundamentos e eixos referenciais -, e as muitas dimensões presentes na formação acadêmica, sejam profissionais, culturais, econômicas, sociais, políticas, espirituais. Enfim, a natureza dialógica é a própria razão de ser de nosso fazer pedagógico.

Nas aulas de Ética Cristã, portanto, buscamos apontar para um dos aspectos da ética que julgamos relevante para nosso tempo: a ética comunitária. Dentre os muitos textos estudados e debates fomentados, o cinema nos chega como um possível instrumento de análise, reflexão e hermenêutica.

¹ Doutora em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio e professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio, setor de Cultura Religiosa.

² Aluna do Departamento de Filosofia da PUC-Rio.

Ele expressa determinada epistemologia e suas consequentes visões de mundo e escolhas éticas, ou não tão éticas. Se tornou, desde então, um instrumento para nos debruçarmos, com um reflexo de concepções de mundo e de vida presentes no cotidiano.

Apresentamos aqui uma reflexão entre nossas aulas e a escuta profunda e hermenêutica da estudante de Filosofia da PUC-Rio, Anna Carolina França Costa Cruz, no qual ela realiza uma aproximação entre a ética pessoal e a ética coletiva, observando a defesa dos direitos humanos fundamentais e a realização das escolhas pessoais, sociais e profissionais.

É fundamental confirmarmos a consciência da responsabilidade de cada ser humano na administração dos bens criados e na sua distribuição para todos: trata-se da relação com a terra, com o solo, com as vozes que ecoam do chão, dos corpos, das vidas – empatia e corresponsabilidade ética local e global.

O objetivo central desse trabalho é fazer uma ponte entre o filme escolhido para esta análise - A Firma -, e os conteúdos estudados durante o curso. Iniciaremos com um breve resumo do filme e a exposição de alguns pensamentos críticos presentes no mesmo. Nesse ponto, já daremos início à relação necessária entre a produção cinematográfica e alguns dos textos trabalhados ao longo do semestre: “Conversando Sobre Ética e Sociedade”; “Grandes Referenciais” e “Mínimos de Justiça e Máximos de Vida nas Práticas Sociais.” Na segunda parte, concluiremos com nossa apreciação crítica e uma interpretação do que foi abordado em nossa disciplina.

Este longa metragem estadunidense foi lançado em 1993, recebeu mais de três prêmios, incluindo o Oscar. O seu gênero é suspense, e foi dirigido por Sydney Pollack, com roteiro de David Rabe, Robert Towne e David Rayfiel. O personagem central seria Mitch McDeere, que foi interpretado por Tom Cruise. Esta película, mesmo sendo antiga, traz abordagens muito relevantes para o momento em que

estamos vivendo. A partir desse filme podemos tratar de temas como: corrupção, ganância, moralidade, ética individual e social, ambição, entre outros. Também é possível observarmos a ação virtuosa com a qual o personagem principal se compromete e o que ele terá que abrir mão para não ferir seus princípios e sua moralidade ética social e individual.

Mitch McDeere está no início de sua carreira de advogado, é ambicioso e muito focado. O motivo pelo qual decidiu entrar nesse ramo é porque, além dele ser muito humilde e trabalhar como entregador, também nutria a ambição de querer mudar as injustiças do governo. Com isso, ele se candidata para uma das empresas de advocacia mais renomadas de Memphis. Como consequência, ele recebe um altíssimo salário e diversos benefícios como, casa mobiliada, viagens e carro. Para ser aceito nessa grande empresa, ele nega a existência de seu irmão, pois é prisioneiro. Todavia, no decorrer da trama, ele começa a receber avisos de que a empresa não seria leal e nem ética, mas sim muito perigosa para os funcionários e clientes – foi dito “quem quer sair dessa firma não consegue sair vivo.” Mas por que essa empresa seria perigosa e antiética? Logo ele descobre que, por meio do poder tecnológico sendo usado de maneira errônea, a empresa estava envolvida com drogas e lavagem de dinheiro da máfia, o que poderia comprometer os próprios clientes. Ou seja, a instituição era movida por aparências de uma certa moralidade. Os funcionários e equipes deveriam ser “sérios”, formar famílias convencionais, com boas condições financeiras e assumirem um juramento de lealdade a firma. O principal objetivo era demonstrar segurança e uma imagem boa, justamente para não gerar auditorias e desconfianças.

Ao descobrir todo o esquema, ou seja, o que a firma esconde em seus ‘bastidores’, Mitch McDeere começa sua jornada por justiça e transparência. Contudo, precisa agir de forma secreta pois todos os funcionários que tentaram sair ou se opuseram ao esquema foram eliminados ou desapareceram misteriosamente. Com cuidado, o

protagonista da trama se junta com o FBI para combatê-los. Porém, antes de tomar essa decisão, precisou escolher entre a causa por justiça e, talvez, perder sua carteira de advogado e todos os bens materiais que veio adquirindo enquanto estava empregado. No entanto, o advogado acaba encontrando brechas na lei que fariam com que ele não perdesse sua carteira para conseguir advogar. Estando, portanto, coberto pela lei, ele entrega não apenas os advogados envolvidos na corrupção, como consegue beneficiar o próprio irmão, antes negado. Perto da conclusão, a narrativa pergunta as razões de tudo que ele fez, e ele responde afirmando que preferia a vida humilde que tinha anteriormente a este trabalho. Mitch McDeere retorna à sua vida, em Boston, e reinicia a advogar com clientes novos e dentro do “correto”.

Diante dessa narrativa, poderíamos pautar sobre a ética de modo geral, mas sendo mais precisos, colocamos em destaque a ética civil dentro de uma sociedade corrompida, assim como a formação do caráter, da moral elevada em ambientes nos quais as atividades sociais podem se corromper.

Entendemos que a ética civil seria o agir e o pensar “correto” de cada indivíduo que compõe uma sociedade pluralista. É mister termos uma consciência de cidadania e de pertença a essa cidadania. Ou seja, a consciência coletiva é necessária para vermos se as nossas ações estão de acordo com o que pregamos, com o que pensamos e o que sabemos como “certo”. É a partir do agir ético que vamos conseguir paz, convivência harmônica, respeito e tolerância em nossa sociedade. A condição para esse caminho ético é colocarmos a ética em prática - práxis -, através do diálogo. O diálogo é fundamental entre os cidadãos, é a construção coletiva da ética, aprendendo a ouvir opiniões afins ou contrárias, e construir novas sínteses, mas de forma comunitária.

Afirmamos que, mesmo com uma sociedade tão corrompida e ainda sem respeito à riqueza da diversidade, precisamos respeitar as escolhas pessoais, subjetivas e

comunitárias, sempre dialogando em busca de uma ética coletiva. Ou seja, a ética pode ser uma ideia, um bom pensamento, uma filosofia, mas isso não basta. Ela deve se tornar práxis, moral encarnada, praticada.

De acordo com o filme, podemos ver como o personagem não se deixa levar pela busca dos bens externos, pois ele confia na possibilidade de mudar as injustiças feitas pelo o governo. Mitch McDeere não pensa duas vezes para tomar a decisão que julga como certa. Ele não apenas observa e constata, mas vai intervir, enfrenta o que considera antiético e, com isso, promove o bem aos clientes que estavam sendo superfaturados. A partir de sua intervenção ética, aqueles que corrompiam as atividades da firma são denunciados e punidos. Mitch McDeere não foi individualista e também não foi ingênuo, ele age eticamente consoante ao o que ele pregava e aos seus princípios.

Quando falamos em moral elevada, estamos nos referindo a “adquirir a atitude necessária e a predisposição adequada para enfrentar os desafios da vida com porte humano. É o contrário da desmoralização, de ficar desanimado, ou sem ânimo e sem forças para agir” (CORTINA: 1996, 18). Na maneira que o personagem principal age diante deste grande desafio, no qual a sua própria vida estava em risco, podemos verificar sua resistência e força de vontade para continuar a luta. Sua vida se faz serviço, e deixa de ser prioridade. Ou melhor, sua vida só tem sentido, sendo serviço. O personagem colocou à frente de tudo o agir moral, a ética, e age de acordo com estes princípios.

Posto isso, estamos tratando do tema da corrupção a partir da abordagem de Jung Mo Sung. O autor apresenta a corrupção como o salto do bem interno diretamente para o bem interno, em uma atividade social. Ou seja, o caminho ético que tem que ser percorrido é burlado, há um desvio do processo ético, que seria, em primeiro lugar, a realização do bem interno da atividade social e, em consequência, o retorno

social desta mesma atividade realizada, que seriam os bens externos: o salário, o reconhecimento, a carreira.

Essa escolha, que cada ser humano faz ao longo de sua vida, vai definindo seu caráter. Muitas vezes, escolhe colocar seus interesses pessoais à frente do caminho ético. Mas, por que será que tudo isso ocorre? E por que com tanta frequência? Apesar de não tratarmos desse tema nos limites deste trabalho, é necessária aqui uma análise mais ampla de toda cultura em que estamos inseridos, que enraíza e naturaliza comportamentos e escolhas individualistas, antiéticas, e não educa as pessoas para a ética coletiva, comunitária, para o cuidado comum.

Esse agir imoral gera impactos na sociedade, em todas as dimensões da cidadania, não apenas na rentabilidade, mas no acesso aos direitos humanos, aos bens mínimos para uma vida digna. Podemos encontrar atos de corrupção em níveis micro, mas eles são semeados em toda parte e são geradores dos níveis macro que atingem de forma violenta e comprometedora a vida de milhares de seres humanos e de todo o ambiente.

Mesmo sabendo que tais atos micro e macro possuem consequências distintas, todos influenciam negativamente na vivência, no convívio social e na tentativa de aplicar uma possível moralidade. Nesse longa metragem que aqui analisamos, é evidente que a corrupção está explícita dentro da firma. Os funcionários são corruptos justamente por serem participantes e coniventes com o desvio das atividades sociais, ou seja, realizar os bens internos e, receberem, como resposta social, os bens externos. Nesse caso, eles prejudicavam outras pessoas em prol de bens externos pessoais, isso é, usavam a tecnologia como ferramenta para ganhar a confiança dos seus clientes e, com isso, mais lucro pessoal. Eles colocavam os bens materiais à frente do agir ético. Vimos que Mitch McDeere foi o único que se dispôs a lutar contra e impedir que a firma expandisse cada vez mais essa dinâmica de corrupção e lucros indevidos.

É muito interessante abordarmos nesta etapa como tais conceitos se diferenciam entre si: o *ethos*, isso é, a base; a moral, sendo, o comportamento e; por fim, a ética, que é a reflexão. De forma muito sintética podemos dizer que o *ethos* é o que reside no ser pessoal, como as principais referências, sua morada interior. Em nosso personagem principal, esse *ethos* se mostra transparente em suas ações, ou seja, em seu agir moral. A moral trata do caráter prático da ética, o que é expresso, se torna visível. Em Mitch, seu *ethos* e sua moral são feridos a partir do momento em que ele descobre quais são os reais interesses da empresa no qual trabalha. Ao pensar sobre esse abismo, entre o que a empresa apresenta e o que ela efetivamente realiza, estamos diante da reflexão ética: pensar sobre, ou seja, o refletir, construindo um ideal. Mitch reflete a fim de decidir qual caminho irá seguir. Esse momento é crucial, é o exercício do seu pensamento crítico. Por último, mas não menos importante, vemos que a referência da alteridade também é fundamento do agir ético do protagonista. Ele percebe a ética como construção com as pessoas. É um referencial que não pode ser banalizado, pois vivemos em uma sociedade com muita diversidade, é necessário encontrarmos um meio para que haja uma relação boa entre todos e uma sociedade com convivência digna e pacífica.

No filme, vemos os dois polos antagônicos, o ético e o não ético. Sabemos que pensamentos podem ser subjetivos, mas não apenas. É necessário compreendermos que vivemos em sociedade, portanto a ética sempre nos conduz ao pensar se meu agir tem consequência benéficas ou traz dificuldades à vida das pessoas e dos ambientes. Não podemos fazer algo que prejudique as pessoas, ou mesmo tirar vantagens de outros que também estão inseridos nesse meio. Seria ferir radicalmente a ética, usando as pessoas como objetos para alcançar determinados fins que prejudicam a integridade humana e ecológica.

É interessante nos darmos conta de que, ao entendermos esses quatro conceitos, *ethos*, moral, ética e

alteridade, e buscarmos um equilíbrio entre eles, de forma a não excluirmos nenhum deles, alcançamos uma calma interior e exterior. É importante que haja respeito, empatia, saber ouvir o outro para chegarmos a uma conclusão que seja boa para ambos, e que não viole nos princípios e ideais particulares. Para tanto, só há um caminho: o diálogo. Não podemos pressupor o que o outro pensa, escolhe, deseja, será ele mesmo quem deve declarar. Também não precisamos firmar posições como absolutas, pois, conversando, é possível também mudarmos pensamentos e escolhas, e encontrarmos um lugar 'do meio', como dizem os budistas, ou seja, um novo consenso entre as particularidades. Para o convívio na sociedade plural que nos encontramos e para a noção de que nós compartilhamos o planeta com outros seres além do homem, é necessário que haja diálogo e também respeito.

Cada um dos quatro referenciais tem seu lugar nas relações humanas e ambientais. É muito importante que estejamos atentos aos quatro, como a base de uma mesa, eles podem oferecer estabilidade na direção da paz social, da vivência moral, da integração real entre as ações e os pensamentos. Acreditamos que, o personagem do filme analisado, conseguiu transmitir essa integração e essa paz interior, ao pensar em seus princípios éticos e também em seus clientes.

Em suma, para finalizar esta reflexão, levamos também em conta a relação entre os mínimos de justiça e os máximos de vida nas práticas sociais. Na ética dos mínimos, os direitos são inegociáveis, como, por exemplo, moradia, saúde, alimentação. Na ética dos máximos, no âmbito da felicidade, tratamos do campo particular, mais subjetivo. No filme, essa relação se torna clara, quando o protagonista abre mão dos bens que estava conquistando ao perceber que a ética dos mínimos não era garantida para todos.

Posto isso, como a autora Adela Cortina já ressaltava,

“As éticas da justiça ou ética de mínimos ocupam-se unicamente da dimensão universalizável

do fenômeno moral, isto é, daqueles deveres de justiça exigíveis de qualquer ser racional, e que, efetivamente, só são constituídos de exigência mínimas” (CORTINA:1996, 62).

É claro que os máximos não precisam ser excluídos ou rejeitados por serem de cunho mais subjetivo. Essas duas dimensões da ética se atraem, pois ao nos empenharmos para a realização pessoal e comunitária, também estaremos atentos para que os mínimos sejam garantidos para todos, antes de tudo.

Para fins de conclusão, consideramos o filme interessante para percebermos os dois extremos do ser humano: há pessoas que são facilmente manipuladas por bens materiais e externos. Os integrantes dessa firma são um bom exemplo daqueles que se deixam levar por bens materiais, status, poder, e se corrompem, sem pensar nas possíveis consequências para si mesmo ou para outras pessoas. Mas, também existem pessoas que batalham para manter a ética, não se corrompem por bens materiais e fins lucrativos. O protagonista, além de agir de forma legal, não ignorou seus valores morais e princípios. O filme nos faz abrir os olhos para o mundo real, e perceber que há pessoas muito firmes em relação às suas crenças e princípios morais, e estão sempre dispostas a conversar em busca das melhores decisões morais para todos os lados. No entanto, também nos intriga perceber que há pessoas, como naquela instituição, que podem ir muito longe da dignidade humana e da ética, apenas focadas nos próprios interesses, sem pensar no próximo, na coletividade.

Em concordância a isso, é oportuno citar uma frase de Paulo Freire:

“A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo mas com o mundo e com os outros. Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar. É por isso que não apenas temos história, mas fazemos a história que igualmente nos faz e que nos torna históricos.” (FREIRE: 2000, p. 40)

Link para o trailer:

<https://www.youtube.com/watch?v=FX3AXA3icR0&feature=youtu.be>

Referências Bibliográficas

AGOSTINI, Nilo. Teologia moral. O que você precisa saber e viver. Petrópolis: Vozes, 1998.

ANDRADE, Marcelo. Ética mínima e educação plural: em busca de fundamentos ético-filosóficos para uma educação intercultural. In: CANDAU, V. (Org.). Educação intercultural e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, pp. 238-255

BOFF, Leonardo. *Como nasce a ética?* São Paulo: Instituto Ethos, 2013. Disponível em <http://www3.ethos.org.br>, aceso em 9 de maio de 2017.

BOFF, Leonardo. *Ética e Moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CORTINA, A. *Cidadãos do mundo. Para uma teoria da cidadania*. São Paulo: Loyola, 2005.

CORTINA, Adela. *Ética civil e religião*. São Paulo: Paulinas, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

SUNG, Jung Mo e SILVA, Josué Candido. *Conversando sobre Ética e Sociedade*, Petrópolis: Vozes, 1997.